



CÁGADA: FICÇÃO E REALIDADE NA COLÔNIA JUDAICA DE QUATRO IRMÃOS

Gláucia Elisa Zinani Rodrigues¹

Resumo: O presente artigo objetiva-se analisar a obra ficcional *Cágada (ou a história de uma cidade ao passo de)* a fim de perceber a ficção e a realidade na Literatura na colônia judaica de Quatro Irmãos. Através de um cotejo da obra ficcional *Cágada* de Gladstone Osório Mársico² com a obra histórica de Isabel Rosa Gritti³, *Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos*.

Palavras-Chave: Cágada. Imigração Judaica. Literatura

Introdução

Na região Norte do Rio Grande do Sul, especialmente na localidade de Quatro Irmãos aconteceu uma colonização por parte da comunidade judaica. Há registros sobre a história dessa colonização principalmente em obras de autores erechinenses, como por exemplo, na obra ficcional *Cágada (ou a história de uma cidade ao passo de)* de Gladstone Osório Mársico, e no livro histórico *Imigração judaica no Rio Grande do Sul: Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos*, da historiadora Isabel Rosa Gritti. Percebendo-se nessas duas obras a abordagem de duas áreas de conhecimento humano, respectivamente História e Literatura. Em vista disso, será possível perceber a ficção e a realidade entre as obras?

A escolha de Mársico para pesquisa baseou-se, no intuito de valorizar a escrita literária regional, para além do resgate e análise da cultura regional. A escolha para perceber a ficção e a realidade deve-se ao fato de que inexistem, até o momento, estudos do romance que contemplem esse aspecto.

Primeiramente o artigo abordará Literatura e História seus conceitos e seus limites, e seu entrelaçamento na obra ficcional e histórica. No segundo tópico abordará o conceito de Ficção e Realidade. No terceiro tópico ocorrerá um cotejo histórico entre as obras

¹Gláucia Elisa Zinani Rodrigues, acadêmica do Mestrado em História da Instituição UPF, bolsista FUPF 50%. Orientação: Rosane Marcia Neumann. E-mail: glaucia.zinani@gmail.com

²Gladstone Osório Mársico, escritor, vereador, advogado erechinense, que viveu no período histórico da colonização de Quatro Irmãos publicou em 1974 o romance satírico *Cágada (ou a história de uma cidade ao passo de)*.

³Isabel Rosa Gritti, historiadora erechinense publicou em 1997 a obra *Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos*.

demonstrando onde as histórias se cruzam, mencionando o surgimento da Imigração Judaica no estado, a questão da Companhia de Colonização, quem eram os imigrantes e fotografias da cidade de Quatro Irmãos. O último tópico abordará uma breve consideração final. O artigo, como um todo, possibilitará ao leitor, tomar conhecimentos e refletir sobre aspectos coincidentes e perceber a ficção e a realidade.

1 Literatura e História

A relação entre a História e Literatura tem sido um tema recorrente na reflexão de historiadores, filósofos, e críticos da Literatura. Como todas as ciências, a História e a Literatura têm suas especificidades.

Grossmann (1982) menciona que a Literatura não despreza a História propicia o entendimento de textos antigos apresentando-os numa nova forma estrutural, como uma nova fonte instigadora geradora de novos textos recriados por releituras de textos anteriores, ou seja, textos históricos, que a cada novidade são reaprofundados propiciando novos textos e novas releituras. De acordo com Grossmann (1982, p.23) sobre essa relação de História e Literatura diz que:

A Literatura não se faz, por outro lado, pelo desprezo de qualquer nível do real, nem pelo desprezo da história. O real e a história são a matéria e o corpo de que se vale a literatura para destilar o seu ser. Toda a atenção é dada à defesa deste corpo físico, justamente porque o ser da literatura é outra coisa que não o real, a história, a linguagem, é a própria literatura.

A partir disso, a produção literária vai refletir e relatar a religião, a política, o conhecimento científico, sendo a Literatura capaz de retomar esses conteúdos, no próprio cotidiano da sociedade, utilizando fatos históricos, para utilizá-los e configurá-los artisticamente, dando-lhes novas formas abrangendo novos conteúdos. No momento em que a Literatura recolhe essas informações históricas ela cumpre um papel ideológico na sociedade e na arte. Conforme Baccega (2000, p.79):

A obra literária, que estamos chamando discurso literário, é, portanto, uma “encruzilhada”, um ponto de encontro: aí se imbricam os diversos fenômenos de linguagem, os diferentes procedimentos linguísticos, é o ponto de encontro das influências histórico-sociais daquela sociedade, manifestadas não só pela utilização da palavra enquanto matéria-prima básica de que se serve, como também pela conforma com forma artística dessas influências, que a própria palavra lhe permite.

Desse modo, é permitido afirmar que a História reflete o homem, e a Literatura assume o papel de recolher essas informações transferindo-as para a uma expressão artística como a escrita, ressurgindo novas ideias, novos conceitos para o ser humano, que

foram impulsionados historicamente. Sobre essa ligação entre Literatura e História, Segundo Vicente (1974, p.03) menciona:

A Literatura é a recriação verbal da realidade através da imaginação do artista. Devemos ter um modelo, a capacidade criadora de alguém, o objetivo e o consumidor do produto. [...] A imagem da realidade captada sensivelmente é caldeada pela imaginação ou fantasia, em sentido decodificador, é feito pelo receptor.

Sabe-se que a obra literária da literatura, representa a época em foi escrita, capaz de ser vistos nela indícios de dados históricos. O escritor inserido neste determinado grupo social, ou época, retrata em suas obras segmentos de sua vivência particular, ou universo que lhe sejam conhecidos. De acordo com Baccega (2000, p.89):

É só na História que o homem existe e a Literatura nada mais é que o discurso da existência humana, das suas várias possibilidades. A História é o desdobramento no tempo dessas várias possibilidades. O homem é o personagem, que é homem. E o escritor é o criador de personagens que se encorpam em homens.

Tendo-se visto a Literatura e a História como refletoras da sociedade cada qual, ocupa uma área, ficcional ou real, através de uma narrativa verossímil, construída conforme o condicionamento da sociedade.

2 Conceito de ficção e realidade

A obra histórica de Isabel Rosa Gritti não alcança o objetivo de criar artisticamente personagens, seres ou situações, porque seu foco é mencionar fatos comprováveis ou indícios verídicos. Enquanto que *Cágada* de Gladstone Osório Mársico necessita buscar e explorar a fantasia, criando novos textos, misturando fatos cientificamente comprovados com fatos que possam ser irreais. Por isso usa-se nesse artigo o conceito de História (Verdade) e Literatura (Ficção).

O escritor ficcional Gladstone Osório Mársico possui conhecimentos sobre a colonização judaica de Quatro Irmãos porque vivia nesse contexto histórico transpondo esses conhecimentos culturais, sociais agregados a historicidade para a expressão artística.

Sabe-se que o texto literário se fundamenta na percepção da realidade do artista, e na emoção que o artista emprega na sua obra artística. Dessa forma, quando o artista insere esse contexto real de onde se situa, constrói uma nova visão imaginativa capaz de formular uma obra de arte ficcional. Conforme Vicente (1974, p.13):

A narrativa ficcional é uma articulação de elementos recriados no plano verbal, que expõe acontecimentos contatos por alguém vividos por pessoas, animais, ou coisas, passados num determinado lugar e com certa duração, numa atmosfera própria.

A Criação Literária, em seu efeito artístico pode expressar a Realidade ou Ficção. O Real encontra-se na obra literária, pela articulação da realidade concreta histórica, e a fantasia vai da imaginação do autor para sua criação. Segundo Grossmann (1982, p.24) sobre o entrelaçamento do real (Histórico) e do irreal (Literatura) diz que:

São variadas as possibilidades de entrelaçamento na obra literária do real e do irreal, do concreto e do abstrato, no sentido da produção de uma imagem altamente expressiva do real, imagem esta que, por si, imita o jogo dialético do imitado. Deste entrelaçamento, a depender do momento histórico em que a obra seja criada, se diversifica a direção, ora o concreto se encaminha para o abstrato, ora o abstrato para o concreto.

Ocupa-se a Literatura com fatos históricos, e a partir deles estrutura-os novamente em um novo texto, e acrescentando-lhes novas formas, favorecendo na elaboração de novos textos, ou seja, o autor ficcionaliza o real tornando-o literário. A ficcionalidade sendo a qualidade central do texto literário, ou seja, seu traço mais marcante e decisivo, para desordenar o real. De acordo com Grossmann (1982, p.60) sobre a Ficcionalização diz que:

A ficcionalização do real atinge todos os elementos do real. E como o texto é um desses elementos do real, atinge o texto e todos os elementos do texto. Estamos diante de uma personagem ficcionalizada, de um tempo ficcionalizado, de um espaço ficcionalizado, como de uma linguagem ficcionalizada. Pois quando a linguagem desliza do seu uso instrumental, e quando não desliza? Já é uma ficção. Dentro da obra ficcional. O ficcional significa finalmente, a quebra da ilusão em relação ao real, o descontentamento com as aparecias, o eterno inverno desse descontentamento, feita gloriosa estação pelo aparecer da essência.

Dessa forma, fica-se nítida a fusão da Criação Literária, com o contexto histórico e a Literatura. Mársico e a escritora histórica estão interligadas na mesma linha de pensamento, percebe-se quando alguns dados conectam entre si, ou deixam lacunas para o leitor ver se realmente foi imaginação ou se foi realidade.

No que se refere ao texto ficcional, cabe-se comentar sua preocupação de retratar o imaginário, abstraindo sua vivência histórica reutilizando-a para a ficção. Diante disto, faz sentido mencionar a importância de entender o contexto histórico, para saber até que ponto, o escritor ficcional, ficcionalizou sua obra, e até que circunstância o real foi predominante.

3 Ficção e realidade na obra *Cágada*

Na obra em análise dentre os aspectos coincidentes destacam-se: a Companhia de colonização, a compra das terras, a questão da pobreza e da guerra, as características dos judeus, a chegada dos imigrantes judeus, a produção e fertilidade das terras, a riqueza florestal e o desmatamento, tentativas de colonização e o ramal férreo.

3.1 Companhia de colonização

Gritti (1997) menciona que a imigração judaica está ligada a um contexto de discriminações. Em decorrência disso surgem instituições de auxílio aos israelitas, sendo que a mais poderosa foi a Jewish Colonization Association (ICA), fundada por Maurice de Hirsh em 1891. Segundo o Barão de Hirsh era preciso erradicar as causas da pobreza e isso seria possível através da produção e do trabalho. O objetivo da Associação era promover a emigração dos judeus da Europa ou Ásia, principalmente aqueles que estavam na pobreza, aos massacres chamados pogroms, para saírem de seus países estabelecendo-se nas colônias agrícolas no norte e sul da América, protegidos do Czar Alexandre III.

A Argentina foi o primeiro país escolhido pelo Barão de Hirsh, o banqueiro judeu idealizador, para início de sua atividade. No início do século XX a Jewish expande sua área de atuação para o Brasil, inicialmente em Santa Maria, onde em 1904 instala judeus na colônia denominada Philipson, em homenagem ao então vice-presidente da ICA, e presidente da *Compagnie Auxiliare de Chemins du Fer au Brésil*, Franz Philipson. Em 1910 a (ICA) compra a Fazenda Quatro Irmãos, de Wiedespanh e do último proprietário Clementino Santos Pacheco.

Lendo *Cágada* pode-se dizer que o autor conhecia os objetivos da Companhia de colonização, mencionando claramente que essa companhia se chamava (ACA), Armarish Colonization Association, que colonizava territórios no Rio Grande do Sul, ajudando judeus que procurassem se dedicar à agricultura. Nota-se quando Mársico menciona:

A ACA comprara quase todas as terras que integravam a área que mais tarde passou a constituir o município de Velópolis e, finalmente Cágada. Era uma companhia de inspiração judaica com o propósito de colonizar imensos territórios na América do Sul, especialmente no Brasil, aqui no Rio Grande, e doá-los aos patrícios espalhados pelo mundo que jurassem dedicar-se à agricultura. O objetivo da instituição era reviver o espírito bíblico dos filhos de Israel fazendo-se regenerar o bezerro de ouro do comércio e se devotar à penitência da lavoura (MARSICO, 2006, p.13).

Gritti (1997) com seus dados históricos menciona os objetivos da (ICA), Jewish Colonization Association, instalar-se no Brasil.

Apesar de fazer parte do Universo das Companhias de colonização que se tornaram responsáveis pelo povoamento de determinadas áreas da instalação de imigrantes europeus, a singularidade da Jewish Colonization Association reside no fato de ter sido, a mesma, criada com o objetivo bem definido: o de promover a emigração dos judeus, vítimas de discriminações e perseguições no leste europeu e Ásia, e transferi-los para países cuja legislação lhes assegurasse uma existência livre de discriminações. Desta forma, a referida Companhia de imigração e colonização tornou-se conhecida pelos seus fins eminentes humanitários, estabelecidos no seu estatuto de fundação (GRITTI, 1997, p.15).

3.2 Compra das terras

Na obra ficcional, Mársico menciona que a colonização iniciou com ordens expressas de não perder tempo, pois dinheiro não faltava. O tamanho da compra era de um valor altíssimo, que a companhia comprou um grande território no Rio Grande do Sul, localizado perto de Passo Fundo, como relata o escritor ficcional.

Mister Glupp veio com ordens expressas de não perder tempo. Dinheiro não faltava. (p.13) [...] burros portugueses que dobravam o Cabo da Boa Esperança, se perderam no caminho das índias e acabou descobrindo aquele imenso território (do qual a ACA podia se considerar sócia de boa fatia) em nome da cruz! (MARSICO, 2006, p.115).

Em *Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos*, a (ICA) possuía muito dinheiro, aproximadamente dois milhões de libras, comprando a área total de 93.985 hectares, realmente uma boa fatia de terra.

A Jewish Colonization Association, foi registrada em 1891, como uma Companhia Limitada, com um capital inicial de 2 milhões de libras, divididos em 20.000 ações de 100 libras cada. O Barão de Hirsh subscreveu 19.991 ações, enquanto alguns dos mais ricos judeus da comunidade de Bruxelas, Londres, Berlin e Frankfurt compraram as outras. (p.24). Quanto à compra da Fazenda Quatro Irmãos, localizada no então município de Passo Fundo, a Jewish recorre ao Sr. Gustavo Vauthier, Diretor da Auxiliare, na época arrendaria da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. A Direção Central da ICA escrevia para Filipson, em julho de 1909, nos seguintes termos: “É provável que vos enviaremos os fundos para a compra de Quatro Irmãos por intermédio da Compagnie de Chermin du Fer de Santa Maria. Sr. Vauthier, diretor desta Companhia, que está no país há longos anos e que é muito competente em questão de aquisição de terrenos no Rio Grande, foi convidado para colocar-se

á vossa disposição para esta operação e ajudar-vos com seus conselhos e sua experiência [...]”. A área de 918.630.400m da Fazenda Quatro Irmãos, adquirida pela ICA do conselheiro Alves Araújo, serão acrescidos mais 21.200.200m, provenientes da compra da pequena parcela pertencente ao governo do Estado e da área contígua á fazenda de propriedade de Henrique José Weiederspanh (GRITTI, 1997, p.36).

3.3 A questão da pobreza

Mársico aborda como os judeus viviam na pobreza na Europa. A personagem ficcional Míster Glupp, viveu em Londres, passando fome, com um trabalho indigno, enterrando cadáveres da guerra, por este fato encontrou a ACA, uma Companhia filantrópica que ajudava os pobres e trazia judeus para o Brasil.

Em Londres, eles moravam num arrabalde miserável, no Whitechapel, e numa rua em que o sol apenas entrava por caridade algumas vezes por ano na época do glorioso verão, glorious Summer [...] (p.30) Assim, no começo, Míster Glupp passou fome, quase morreu dela, engoliu diversas vezes a aviso e, por fim graças à caridade de alguns patrícios que imigravam junto com seus pais, arranhou emprego numa sinagoga, onde ele era pequeno, fugidos da revolução que derrubou o czar, e não aguentaram por muito tempo o clima londrino. Lá na Rússia, as margens do Volga, os velhos quase morriam de frio no inverno, mas, no verão, havia sol- sol quente de virar a cabeça das plantas, de criar girassóis. Míster Glupp ficou órfão de pai e mãe bem moço, com pequeno intervalo entre um e outro, e teve de amargar sozinha a vida no bairro miserável onde nascera. Até que conheceu Lady Hilda, outra judia de pais expatriados que saíram correndo da Alemanha antes de começaram a pagar o pato pela expansão do bolchevismo internacional, e com ela se casou. Lady Hilda era mais pelada do que ele, mas, reunidas as peles e em que pesasse a falta de pão, havia pelo menos um clima de lareira. E, de tanto se unirem no jejum forçado, veio logo uma filha; e, aí, pelo menos durante o período da amamentação da filha, havia o que beber (MÁRSICO, 2006, p.31)

Gritti (1997) menciona que a pobreza, e a discriminação ocorreram no final do século XIX, e que para resolver a questão da pobreza existiram outras organizações filantrópicas para amparo dos pobres.

O Barão de Hirsh ficou espantado com a pobreza e a negligência dos judeus do Império Otomano. “Eles não eram vítimas de repressão governamental, mas da ignorância e da estagnação da economia. Desde essa época, fazia doações consideráveis de dinheiro para os judeus da Turquia. E, em dezembro de 1873, ofereceu à Aliança Universal Israelita um milhão de francos para estabelecer um programa de educação e treinamento vocacional. Segundo Rakos, o Barão de Hirsch “desprezou a tradicional forma filantropia de dar gorjetas que era praticada pelos proeminentes judeus daqueles dias e que sustentava Yishuv na Palestina”. Ele estava especialmente preocupado com os efeitos nos receptores: isto apenas criaria mais pobres, o que considerava um grande problema na filantropia, por fazer seres humanos capazes de trabalhar individualmente em pobres e, desta maneira, criar membros da sociedade imprestáveis. Ele acreditava ser necessário erradicar as causas da pobreza e não apenas remediar seus sintomas (GRITTI, 1997, p.23).

3.4 A questão da guerra

Gritti (1997) menciona que além da pobreza outro fator desencadeou o anseio de vinda dos emigrantes para a Argentina, e para o Brasil, particularmente Quatro Irmãos, foi o contexto da guerra, e dos massacres anteriores a 1ª Guerra Mundial ocorrida em 1914 à

1918 que se estendeu até a 2ª Guerra Mundial. Em *Cágada* Gladstone aborda a 2ª Guerra Mundial ocorrida de 1939, à 1945. Observa-se na obra ficcional motivos da vinda dos judeus.

Depois, veio à guerra e Mister Glupp se ofereceu como voluntário. Continuar de sacristão na sinagoga não era nem presente, quanto mais futuro. Mesmo porque, com a ameaça de bombardeios e de invasão, tanto as sinagogas quanto as outras igrejas se mudaram para os perigos subterrâneos e ali praticamente havia mais sacristãos do que fiéis. [...] E assim Mister Glupp, durante quase toda a Segunda Guerra Mundial, viveu de pá e enxada nas mãos abrindo covas, enterrando. Enterrou gente sem fim, de todos os credos, de todas as raças, até patrícios. [...] Ele vivia em meio da morte e às vezes ficava na dúvida se estava vivo ou morto. [...] A morte descia sobre a cidade de Londres todas as noites e não havia coveiros que chegassem para o balanço das almas e o despacho dos ossos. [...] Finalmente a guerra foi acabando, menos gente morrendo, cadáveres rareando e Mister Glupp ficou de novo sem emprego. (p.32). Isto sem falar na fome, na guerra, nas bombas que ela vira do céu e nos cadáveres que sonhara emergir da terra. [...]. (MÁRSICO, 2006, p.33)

Gritti (1997) sobre a questão da guerra que ocorreu na Europa, sendo uma das causas da chegada de imigrantes menciona:

Em 1881, o Barão de Hirsh voltou sua atenção quase que exclusivamente para os judeus da Rússia e leste da Europa, que considerava a mais desesperadora situação no mundo judeu. A partir deste ano, a vida dos judeus russos tornou-se mais difícil, pois o antisemitismo existente na Rússia agravou-se com o assassinato do Czar Alexandre II. Com a morte do czar, cujo governo se caracteriza pelo respeito às minorias étnicas, entre elas, os judeus, assume o comando do Império Russo o Czar Alexandre III. É sob o reinado deste que se iniciam os massacres dos judeus. Tais massacres, conhecidos como **pogroms**, estendem-se até o início do século XX. (p.23)

Durante a era pré-guerra, a ICA fundou estabelecimentos destinados a reconstruir e revitalizar a infraestrutura das comunidades judias na Rússia e Europa Oriental. (p.27). É no período posterior à Primeira Guerra Mundial que a imigração judaica para o Brasil se intensifica. O Brasil passa a ser a opção dos israelitas à medida em que os Estados Unidos, a Argentina e o Canadá, países que recebiam um elevado número de imigrantes judeus, passam a limitar a entrada dos mesmos. (p.30). Do início do século até o período posterior à Segunda Guerra Mundial, a Jewish Colonization Association e outras instituições de amparo aos imigrantes israelitas empenharam-se para que os mesmos pudessem encontrar países que os acolhessem e, entre estes, estava naturalmente o Brasil (GRITTI, 1997, p.32).

3.5 Características dos judeus

Mársico ressalta as características dos imigrantes judeus, que chegaram a Cágada, vindos do Bom Fim, similarmente existe esse bloco judaico chamado Bom Fim em Porto Alegre. Uma das personagens de origem judaica é Muja, um judeu errante, que veio do Bom Fim, não possuindo semelhantemente as características físicas do texto histórico, que ressalta que os judeus eram selecionados para virem ao Brasil. Nesta citação abaixo fica nítida essas características em *Cágada*:

Muja conheceu Rachel em função do contrabando de Arão. Ele andava errante pelo bairro do Bom Fim, sem eira nem beira, era um judeu que passava fome. Gozando, ria quando se lembrava do que os outros diziam sobre a sua raça, que não havia judeu pobre. Muja era pobre o que dava quase mendigo, vivendo da caridade de um ou outro patrício que geralmente o faziam limpar as lojas e as calçadas, as patentes e os lixos e depois lhe davam um prato de comida ou magros tostões com versículos sobre a vagabundagem. (MÁRSICO, 2006, p.69)

Gritti menciona as características físicas dos judeus que chegaram a Quatro Irmãos:

O decreto federal nº6455, de 1907, dizia: “Serão acolhidos como imigrantes menores de 60 anos que, não sofrendo de doenças contagiosas, não exercendo profissão ilícita, não sendo reconhecidos como criminosos, desordeiros, mendigos, vagabundos, dementes ou inválidos, chegarem aos portos nacionais como passageiros de terceira classe, á custa da união, dos Estados ou de terceiros.” (p.30).

3.6 Chegada dos imigrantes judeus

Gritti (1997) menciona que no ano de 1912 a (ICA) transfere sua sede administrativa de Philipson para Quatro Irmãos. Depois do insucesso de Philipson era necessário selecionar agricultores e não artesãos para morar em Quatro Irmãos. Queria estabelecer os imigrantes fixos da Argentina, a maioria deles recusou, pelo fato de que receberam notícias desanimadoras do Brasil, também colocaram judeus russos que para serem salvos das perseguições contentar-se-iam com o que conseguiriam no Brasil.

No começo a (ICA) induzia os judeus com propostas vantajosas para abandonarem seu país para que estes viessem ao Brasil, dizendo-lhes que havia facilidade de acesso à terra, as terras abundantes, o trabalho não árduo e enriquecimento fácil. Assim eles vinham com o sonho de “Fazer a América”. A obra *Cágada* demonstra o poder de induzir que a (ICA) exercia sobre os judeus que estavam abalados pela guerra, e pelos massacres.

Aí começou aquela avalanche de patrícios para “as terras da ACA”. Aliás, a primeira e única. Vieram o Samuel, o Abrãozinho e o Bem. Vieram o Froim, o Maurício e o Damião. E vieram outros mais. Todos numa leva só. [...] Eles haviam chegado de São Paulo naquele mesmo dia- metrópole onde curtiam algumas especialidades comerciais nos fundos da Rua José Paulino. Ali como que se formou uma caravana de voluntários na base do quem dá mais. Mas só veio mesmo quem deu menos. Lá na sinagoga paulista o rabino, depois que leu três vezes o convite da ACA, achou, que por delicadeza, não poderiam recusá-lo (p.19).

Então rabino engendrou uma manobra político-filantrópica que deu certo. Primeiro, escondeu os reais motivos da imigração. Enfeitou “as terras da ACA” com todas as mentiras do Novo Testamento. As terras eram grátis e havia bugres de sobra para trabalhar. Havia também casas e financiamento sem juros no banco. Era só plantar e colher (MÁRSICO, 2006, p.20).

Gritti (1997) menciona que em 1913 chegaram os primeiros judeus vindos da Rússia, por meio de embarcações pagas pela Companhia e pelo ramal férreo pertencente a (ICA) dentre os quais 43 famílias que deixam a Bessarábia, este primeiro grupo eram compostas de 307 pessoas. Em 1926, chegam os novos emigrantes para povoar as vilas Baronesa Clara, e Barão Hirsch, na Fazenda Quatro Irmãos comprovam-se que os imigrantes judeus eram atraídos, por promessas feitas pela Companhia.

Os imigrantes poloneses e lituanos selecionados pela ICA com o auxílio de Joschp e que destinam a povoar Barão Hirsch chegam a Quatro Irmãos em dois grupos. O primeiro deles chegou a junho de 1926, e o segundo, grupo menor, composto de sete famílias, num total de 53 pessoas, chegou em setembro deste mesmo ano. O número total de famílias vindas da Polônia e da Lituânia, em 1926, e que são assentados em Barão Hirsch é de trinta e três. [...] É especialmente na área denominada Polygono "D" que a população não israelita se concentra, formando quatro comunidades distintas sendo uma sabatiza, uma italiana, uma alemã católica, e uma pertencente à Igreja luterana norte-americana (GRITTI, 1997, p.76).

3.7 Produção e Fertilidade das terras

A fertilidade das terras em Cágada menciona a existência de uma variedade de terras, algumas improdutivas e outras produtivas para a agricultura. Podendo-se constatar abaixo:

Ficava, assim, numa faixa de terra que se dizia pródiga e predestinada, solo fértil para o trigo e encostas muito saudáveis para o alojamento dos parreirais. Possuía também uma variedade enorme de madeiras, aquém do Rio Cansado, madeiras de todos os tipos, desde imbuia, cedro, canela, até pinheiros com mais de cinquenta centímetros de diâmetro- árvore desconhecida que acabou sendo uma das causas, a principal, de sua perdição. (p.11) Vivia da primitiva cultura da mandioca e da cana- de – açúcar. Trabalhava para o gasto e o sustento quando não havia muito sol e adorava uma boa sombra e água fresca. (p.12).
- Mas que beleza de lugar! – prosseguiu Arão, olhando para cima, para os lados, respirando o ar podre que vinha do mato (MÁRSICO, 2006, p.127)

A historiadora Isabel Rosa Gritti também mencionou aspectos da fertilidade e da infertilidade das terras, que a área de campo era adequada ao cultivo do amendoim e da mandioca. Observa que a (ICA) estimulou a construção de uma fábrica de azeite, a partir do amendoim, e de atafonas para a produção de farinha de mandioca. Em 1922 a fábrica de óleo é desativada pela falta de matéria-prima. Vendo que era possível, uma melhor produção na terra de mato, a (ICA) não permite a exploração livre da madeira, para que os judeus não abandonassem a roça e se dedicassem somente as madeiras existentes nas florestas.

Em 1915, o referido conselheiro constata a impossibilidade do aumento da produção agrícola sem a recuperação do solo, uma vez que os colonos israelitas foram instalados em terras de campo que se revelaram impróprias para a agricultura, exceto aos cultivos da mandioca e do amendoim. (p.55). Levando em consideração que a instalação dos colonos em terras de campo frustrou a expectativa inicial, a Companhia organizou instalação dos dois novos grupos populacionais exclusivamente em terras de mato, mais adequadas para a produção agrícola, devido á sua fertilidade. (p.74). Terras devastadas de intrusão ao Norte da Fazenda, as terras de matagais, terras de beira de campo, terrenos de grandes declives, etc. (GRITTI, 1997, p.110).

A imagem abaixo corresponde ao Moinho de 1912 utilizado para a produção de farinha de mandioca.



Foto 1: Moinho utilizado na produção de farinha de mandioca

Fonte: Gláucia Elisa Zinani Rodrigues Tirada: 28/02/2011

3.8 Riqueza florestal e desmatamento

A abundante riqueza florestal foi explorada pelo retorno financeiro que era imediato, gerando o desmatamento local, quando menciona que Cágada possuía uma grande variedade de pinheiros, e outras espécies de árvores nativas, derrubadas pelos judeus do Bom Fim. As personagens desenvolvem a prática do desmatamento, pois ao chegar os judeus derrubam as árvores, deixando as áreas devastadas para seus sucessores.

Possuía também uma variedade enorme de madeiras, aquém do Rio Cansado, madeiras de todos os tipos, desde imbuia, cedro, até pinheiros com mais de cinquenta centímetros de diâmetro. (p.13)

- *God*, então não façam cerimônia! É só escolherem uma árvore. Temos árvores de todos os tipos, *oh yes, incredible*, até cedros de Líbano. (p.130). Os judeus redobram o trabalho no mato e, não demorou seis meses, nenhum pinheiro mais havia para ser derrubado. [...] Deixamos as terras limpas para os nossos sucessores (MÁRSICO, 2006, p.175).

Gritti (1997) menciona a riqueza florestal que possuía grande variedade de árvores na Fazenda que então era de conhecimento dos diretores da (ICA) desde 1911. A exploração florestal é intensificada com a Primeira Guerra Mundial em 1914, uma vez que não sofre a concorrência dos produtores europeus. Essa madeira explorada era transportada pelo ramal férreo da (ICA), levando-a a Argentina. Em 1951, a Companhia era acusada por Olivatti, representante do Partido Trabalhista, de desmatar de forma integral os pinheiros, que é contestada pelo delegado florestal do estado, ao afirmar que a (ICA) era uma das poucas Companhias a cumprir suas obrigações com o serviço florestal. Desde 1948 a (ICA) plantava cinco mudas de pinheiro para cada árvore abatida acima de 40 cm de diâmetro.

A importância atribuída pela (ICA) à riqueza Florestal de seu domínio de Quatro Irmãos pode ser confirmado pelo fato de que é o diretor-geral da Companhia que vem para o Rio Grande do Sul, em 1911, colher informações em relação ao mercado madeireiro (GRITTI, 1997, p.122).

Abaixo a imagem corresponde a uma das madeireiras instaladas em Quatro Irmãos, refletoras do desmatamento.



Foto 2: Madeireira instalada em Quatro Irmãos
Fonte: Gláucia Elisa Zinani Rodrigues Tirada: 28/02/2011.

3.9 Tentativas de Colonização

Mencionam-se em *Cágada*, o fracasso da primeira tentativa de colonização, e da segunda tentativa e do seu fracasso, quanto à primeira tentativa foi com a chegada dos patrícios de São Paulo, e a segunda com a Chegada dos patrícios do Bom Fim, de Porto Alegre:

Era fácil vender uma nova imagem da colonização, mesmo que fosse a velha, melhorada, mas para outra gente, outra mentalidade. Deixasse os paulistas de lado, eram patrícios que, apesar dos milênios de tradição, de deixaram influenciarem pelos mais quatrocentos que encontraram feitos por lá. Tentasse o Bom Fim, em Porto Alegre, bairro do seu futuro genro Muja-Aquele mesmo que havia obtido uma carta de recomendação, tempos atrás, lembrasse? (MÁRSICO, 2006, p.115).

A escritora também salienta duas tentativas de colonização, a primeira em 1912, vindos da Rússia. A segunda tentativa quando se criaram novos núcleos populacionais, a companhia organizou um sistema de culturas variadas para manter o colono envolvido no trabalho agrícola, existindo duas vilas Baronesa Clara e Barão Hirsch. O rendimento obtido com a venda da madeira á Viação Férrea do Rio Grande do Sul foi importante na estabilização inicial deste último grupo.

Quando os primeiros imigrantes vindos da colônia argentina de Maurício chegam, os lotes estão subdivididos e, embora tenha havido, em maio de 1912, um movimento de 50 famílias judaicas em direção ao Brasil, e entre elas as menos aptas, seria somente dois meses mais tarde que o primeiro grupo de 33 colonizadores chegaria a Quatro Irmãos, 14 deles com as respectivas famílias, e 19 sem suas famílias. (p.41). A influência do elevado número de imigrantes, que chegam aos primeiros anos da colonização do novo núcleo da ICA no Rio Grande do Sul, deve-se a uma forte propaganda feita na Rússia pelos agentes das companhias colonizadoras, em favor da imigração para o Brasil.(p.43). Petrone diz que os imigrantes eram atraídos pelas ideias amplamente difundidas nos países de emigração, de que no Brasil havia facilidades de acesso á terra, terras abundantes, trabalho não muito árduo e enriquecimento fácil. O “sonho de fazer a América” também foi um dos responsáveis pela vinda dos imigrantes israelitas para Quatro Irmãos, os quais, já em 1913, dão-se conta de que foram vítimas de agentes inescrupulosos. (GRITTI, 1997, p.46).

Em virtude dessa segunda tentativa de colonizar, foi criada a Avenida Barão Hirsch em homenagem ao responsável pela colonização judaica, e a Rua Efraim Fischmann, em homenagem ao pioneiro da colonização.



Foto 3: Placa

Fonte: Gláucia Elisa Zinani Rodrigues Tirada: 28/02/2011.



Foto 4: Antigo Hospital de Quatro Irmãos, atualmente acervo judaico.

Fonte: Gláucia Elisa Zinani Rodrigues Tirada: 28/02/2011

3.10 O ramal férreo

Menciona-se na obra ficcional a existência da Linha férrea e da linha telefônica. “E aí ele começou a construir a sede da Armarish Colonization Association e duas linhas particulares, uma férrea e outra telefônica, ligando aquele imenso território ao centro do então município de Nova Floresta.” (MÁRSICO, 2006, p.13).

Na obra histórica o Ramal férreo, foi construído em 1911 ligava Quatro Irmãos à São Paulo, e foi através deste meio de transporte, que os colonizadores exploravam o comércio da madeira. Sabe-se que a (ICA) em 1958 encerrou suas atividades na Fazenda, então retirou os trilhos de trem para venda do ferro. Em *cágada* Gladstone também ressalta “Os

bugres já haviam completado o trabalho de arrancar os trilhos de novo para impedir que o trenzinho voltasse.” (MÁRSICO, 2006, p.128).



Foto 5: Ruínas do Ramal Férreo de Quatro Irmãos
Fonte: Gláucia Elisa Zinani Rodrigues Tirada: 28/02/2011.

Considerações finais

Frente a todas as e reflexões presentes nesse trabalho, algumas considerações, precisam ser mencionadas. Sem dúvida nenhuma, O entrelaçamento entre Literatura e História, permitiria escrever uma longa explicação.

O artigo iniciou-se guiado pela procura da Ficção e a Realidade nas obras *Cágada e Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos*. Na primeira seção houve uma explicação entre Literatura e História, demonstrando seus limites e seus conceitos. Na segunda seção o conceito de Realidade e Ficção indispensáveis. Na terceira seção, demonstrou onde as histórias se cruzam, percebe-se a ligação da Colonização Judaica no Rio Grande do Sul de um aspecto histórico e ficcional. Nessa passagem para o mundo ficcional, o leitor pode perceber nitidamente que a fantasia e a criação, estiveram presentes na obra *Cágada*, mas que também o contexto histórico sobressaiu, podendo-se ser observadas.

Considerando-se assim, Literatura (Ficção) e História (Realidade) podem afirmar, que enquanto a História narrou à verdade, a Literatura pode assumir aparência de verdade, pois a criação do autor teve contato com a História, e que a Literatura explorou a imaginação de Gladstone Osório Mársico, gerando este livro de valor incalculável capaz de caracterizar

ficcionalmente a Colonização Judaica de Quatro Irmãos. Dessa forma, esse artigo não finaliza, apenas instiga para continuação da pesquisa.

Referências Bibliográficas

BACCEGA, Aparecida Maria. **Palavra e Discurso História e Literatura**. São Paulo: Ed Ática, 2000.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração Judaica no Rio grande do sul**: a Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos. Porto Alegre: Ed Martins Livreiro, 1997.

GROSSMANN, Judith. **Ensaio 79** (Temas de teoria da Literatura). São Paulo: Ática, 1982.

MÁRSICO, Gladstone Osório. **Cágada** (ou a História de um município a passo de). Porto Alegre: Ed Movimento/ Instituto Estadual do Livro/CORAG, 2006.

VICENTE, Ataíde de Paula. **A narrativa de ficção**. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1974.